**‘*PENSARSENTIR’* OS COTIDIANOS COM O FILME DIAS PERFEITOS**

Rosa Helena Mendonça – ProPEd/UERJ

Rossana Maria Papini– ProPEd/UERJ

Marcia Costa Rodrigues– ProPEd/UERJ

Resumo

Este texto resulta da ideia de ‘cineconversas’, metodologia usada para o desenvolvimento de conversas com o uso do cinema. Além dos textos teóricos, acreditamos que imagens, livros de literatura, filmes e outros artefatos culturais possibilitam a criação de redes de conhecimentos que formamos ao mesmo tempo que nos formam, a partir de trocas de saberes, sentimentos, histórias de vida. O filme Dias Perfeitos, de Wim Wenders, nos desafia a acompanhar a simplicidade e encantamento do cotidiano de Hirayama (Koji Yakusho), um faxineiro, encarregado de limpar os banheiros públicos de Tokio. A arte se faz presente em toda a história, em que a música, a literatura e a fotografia se tornam personagens. É com esse sentimento, acerca da riqueza dos cotidianos, que nos envolvemos nas ‘cineconversas’ com outros pesquisadores, professores e estudantes.

Palavras Chaves: CINECONVERSAS; FORMAÇÃO DOCENTE; REDES EDUCATIVAS; COTIDIANOS

Resumo Expandido

 *O melhor lugar do mundo é aqui
E agora
Aqui onde indefinido
Agora que é quase quando
Quando ser leve ou pesado
Deixa de fazer sentido...*(Aqui e Agora - Gilberto Gil)

Este texto, na perspectiva das pesquisas com os cotidianos (Alves, 2019), resulta da ideia de ‘cineconversas’, metodologia usada para o desenvolvimento de conversas com o uso do cinema. Além dos textos teóricos, acreditamos que imagens, livros de literatura, filmes e outros artefatos culturais possibilitam a criação de redes de conhecimentos e que, ao mesmo tempo que as formamos, elas nos formam, a partir de trocas de saberes, sentimentos, histórias de vida... As ‘cineconversas’ vêm frequentando os espaços de formação de professores no grupo de pesquisa do qual fazemos parte: “Currículos Cotidianos: Redes Educativas, Imagens e Sons”, ProPed/UERJ, coordenado pela professora Nilda Alves, quando discutimos diferentes temas a partir do que ‘*vemosouvimossentimos*’ com os textos e filmes trabalhados. Esse mesmo movimento, ou metodologia, também vem sendo utilizado nos cotidianos das salas de aula com nossos estudantes.

Com relação aos filmes, sem desconsiderar as suas qualidades técnicas, de estilo, de gênero, interessa-nos, sobretudo, o que cada pessoa sente, a partir das histórias contadas, que relações faz com as suas próprias experiências. São essas descobertas, às vezes individuais, outras coletivas, que nos impulsionam a criar.

O filme Dias Perfeitos (2023), dirigido por Wim Wenders, uma coprodução Alemanha/Japão nos traz a história de Hirayama (Koji Yakusho), um faxineiro, encarregado de limpar os modernos banheiros públicos de Tokio. Metódico, disciplinado esse personagem surpreende por suas atitudes. Além do trabalho simples que ele executa com dedicação e esmero, nutre algumas paixões pela música, pela literatura, pela fotografia e pela natureza.

O filme se passa todo no presente, não há flashbacks explícitos, embora alguns elementos e encontros possam nos fazer entrever algo do passado de Hirayama.

Mas, o que são “dias perfeitos”? Por que esse título contrasta com o início do filme em que vemos só rotina, repetição? “Todo dia ele faz tudo sempre igual”, como na canção de Chico Buarque, acorda, escova os dentes, prepara seus equipamentos para o trabalho, arruma o carro, toma o seu café. Mas ao abrir a porta de sua pequena casa se depara sempre com um novo dia, uma nova luz, uma brisa ou uma ventania, sol ou chuva...

*A perfeição é uma meta*

 *Defendida pelo goleiro*

 *Que joga na seleção...*

(Meio de campo – Gilberto Gil)

O filme também questiona as necessidades geradas pela sociedade de consumo no mundo contemporâneo, reflete sobre o quanto realmente precisamos da parafernália de objetos e tecnologias para sermos felizes. O que de fato seria a felicidade?

O personagem Hirayama vive dias perfeitos no seu cotidiano aparentemente repetitivo. Cotidianos humanos são ‘*espaçostempos’* de repetição e de criação (Alves, 2019). Foi com Deleuze (2018) que aprendemos que as repetições se baseiam em diferenças. O que se repete nunca é igual, nem para o autor daquilo que repete, nem nas relações em que as repetições acontecem. Um limpador de banheiros dos parques públicos do Japão, que todo dia faz as mesmas coisas, mas que está sempre vivendo experiências diferentes e emocionantes.

 Este filme extraordinário nos levou a pensar em Souza Dias (1995), que nos diz que somos múltiplos, somos os livros que lemos, as músicas, as pinturas, os sonhos, os filmes e muito mais. Houve uma profunda aproximação com este personagem que vive de forma analógica, em um cotidiano marcado por altas tecnologias, inventando seus cotidianos como leitor assíduo, apaixonado pela música que toca em velhos artefatos tecnológicos, fiel à fita cassete e ao repertório que marcou provavelmente a sua juventude. Mas o faz sem saudosismo, por mera fruição. Ele fotografa as árvores, a natureza, em suas mutações de acordo com a luz do momento, as estações, a luz do sol, a chuva. E, incrível, as revela e coleciona, coisa que quase ninguém faz mais nesta segunda década do século XXI. A isso, os japoneses chamam de *komorebi,* ou seja, a captura do momento em sua plenitude e singularidade; uma mesma árvore, em um mesmo parque, nunca é idêntica em suas luzes e sombras. É preciso olhos para ver e sensibilidade para capturar.

 E foi inspiração para estas conversas entre as autoras que possibilitou o conhecimento de si e do outro (Serpa, 2018). Como cada uma viu o filme, sentiu suas sutilezas, foi isso que possibilitou a tessitura deste texto e a sua correlação com a ideia de redes e do Seminário Internacional “As Redes educativas e as tecnologias; tessituras de solidariedade e de convivência nos diferentes espaços-tempos educativos”. Por suas características, o trabalho de liga ao Eixo 1.



Imagem do ator Koji Yakusho, que interpreta Hirayama, em uma cena do filme, em que se encanta em admirar a luz sobre as árvores. Em: https://www.biapadial.com/blog/dias-perfeitos-e-os-komorebi-que-nos-guiam-pela-vida

Hirayama é um personagem poético. Faz lembrar Manuel de Barros, quando diz que “explicar afasta todas as falas da imaginação” (2010). Algo meio inexplicável e no terreno da pura poesia permeia esta produção fílmica. A gente se emociona. Segundo Machado (2022, p.52) “os cotidianos são espaços de mudanças, do efêmero, do não contínuo, do não programado”. Mas mesmo assim o personagem luta, cria uma rotina, busca simplificar a vida, vive modestamente, parece estar totalmente no agora. E se joga nas experiências...

 E de acordo com Larrosa (2003),

 experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca(...). Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca (...). É a possibilidade de que algo nos aconteça ou toque, requer um gesto de interrupção (...), requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, parar para sentir...(p.24)

E foi isto que nos aconteceu, ao parar para fazer este mergulho sensorial, submergimos nessa história sensível, de um homem silencioso, calmo, determinado, que cria seu próprio universo, reinventando os cotidianos com suas táticas (Certeau, 1994), ainda que fazendo um trabalho considerado subalterno. O filme sugere que estejamos presentes no presente. Afinal, o cotidiano é o que é e não o que poderia ter sido.

A arte se faz presente em toda a história, não só na qualidade das imagens e da direção de fotografia, mas no transcorrer de todo seu enredo. A música, a literatura e a fotografia são companheiras do personagem principal. Poderíamos tomá-las como personagens conceituais, os intercessores (Deleuze e Guattarri, 2010) que nos ajudam a criar pois dialogam o tempo todo com a história que está sendo contada. Ainda a arquitetura, através dos banheiros que Hirayama percorre diariamente são projetos premiados no mundo fora das telas[[1]](#footnote-1).
Wenders também se propõe a juntar passado, presente e futuro em um só momento: o presente vivido na sua integridade, como necessidade, humanidade, que não nega o passado mas se descola dele e não se preocupa em planejar o futuro.
A história contada só tem presente. A riqueza dos cotidianos é o suficiente, é o que nos contamina, nos move e nos emociona.

É com esse mesmo sentimento, acerca da riqueza dos cotidianos das salas de aula, que nos envolvemos nas ‘cineconversas’ com outros pesquisadores, professores e estudantes.

*O melhor lugar do mundo é aqui
E agora...
Aqui de onde o olho mira
Agora que o ouvido escuta
O tempo que a voz não fala
Mas que o coração tributa*

(Aqui e Agora - Gilberto Gil)

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas* - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. S. Paulo: Cortez, 2019.

BARROS, Manoel de. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/metalinguagem-jocosa-de-manoel-de-barros-prega-peca-em-leitor.shtml>, pesquisada em 05 de maio de 2024.

CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano* – as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia**.3. ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.

MACHADO, Marcelo Ferreira. “*Vida incerta de imigrante, mas esperança no horizonte”: filmes movimentos migratórios e a presença nos cotidianos escolares*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPeD/UERJ), orientação da Profª Drª Nilda Alves, 2022.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen S. (Org.). *Conversa como metodologia de pesquisa*: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SOUSA DIAS. *Lógica do acontecimento*. Porto: Afrontamento, 1995.

1. Os banheiros públicos que aparecem no filme são obras de renomados arquitetos japoneses construídos para as Olimpíadas de Tóquio de 2020 [↑](#footnote-ref-1)